OS CONTOS INFANTIS COMO VIES DE ESTÍMULO A LEITURA E O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Danilo José Marcelino da **SILVA**[1] Hellen Cristina Lopes **FRANÇA**[2]
Ilana Regina da Silva Ribeiro **TELES**[3] Janaína Inácio da **SILVA**[4]
Larisse Pereira Oliveira **SÁ**[5] Lorenna Oliveira **RATES**[6]
Ruth Tavares **SOUZA**[7]
Gercion Rodrigues **MARQUES**[8]
Maria José Alves de Araújo **BORGES**[9]

RESUMO: O ato de contar história está enraizado no sistema biológico humano, que remete um dos modelos de interação entre dois ou mais indivíduos – tendo a utilização da linguagem para tal – a forma de transmissão de conhecimento e informações que contribuam para o desenvolvimento psíquico, linguístico, estímulo da imaginação e da fantasia, que visam o amadurecimento do ser e a evolução, enquanto caráter pessoal, que o sujeito precisa enquanto cidadão, ato que também permite a permutação dos valores morais basilares, e guiando esse sujeito a uma relação para com a leitura. Esse contar de histórias eleva o ser humano a um patamar intelectual acarretando em descobertas de infinitos caminhos em relação à compreensão do mundo a sua volta. A literatura infantil trabalhada pelo PIBID entra como forma, não somente para o desenvolvimento ao interesse a leitura, mas também em reflexão docente acerca dos métodos de ensino para que haja uma relação professor-aluno, o que irá melhorar todo o conceito de docente trabalhado pelos acadêmicos-bolsistas.

[1] Acadêmico bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: djms14@hotmail.com
[2] Acadêmica bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: hellenfranca04@hotmail.com
[3] Acadêmica bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: illanaregina_hotmail.com
[4] Acadêmica bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: janainaguapa@hotmail.com
[5] Acadêmica bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: larisse.pgtu@hotmail.com
[6] Acadêmica bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: lorennarattes@hotmail.com
[7] Acadêmica bolsista do PIBID no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. e-mail: ruth_pgtu@hotmail.com.
[8] Professor Supervisor Especialista em Língua Inglesa no PIBID e no Curso de Graduação em Letras UEG – Câmpus Porangatu. E-mail: gercion.rodrigues@ueg.br
[9] Coordenadora do PIBID, Mestre em Educação e Coordenadora de área na UEG – Câmpus Porangatu. E-mail: alvesborges5@bol.com.br

Palavras-Chaves> Contar História; Literatura; Leitura; Metodologias.

O trabalho que se segue apresenta os pontos de contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – no Câmpus Porangatu na Universidade Estadual de Goiás no que referencia a reflexão de metodologias para a aplicabilidade da Língua Portuguesa em sala de aula, estimulada pela leitura de Contos Infantis, induzindo os estudantes de Ensino Fundamental do segundo ciclo, a concentração e o desenvolvimento por gostos literários distintos a partir das modalidades apresentadas, elevando-o a um patamar de conhecimento longínquo do que ele esta acostumado, tendo consciência total de sua elevação linguística, literária, mental, imagética ou lúdica, no que irá influenciar na resolução de questões bases corriqueiras, e na vida profissional estudantil.

O PIBID, cabe referência, é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (Capes), o qual tem por uma das finalidades – dentre suas bases a formação – a valorização de projetos que venham aperfeiçoar a identidade docente durante o processo de formação de acadêmicos no intuito de inseri-los na Educação Básica, estabelecendo condições propícias de trabalhos e pesquisas aos acadêmicos de licenciaturas.

O trabalho realizado pelos acadêmicos-bolsistas visa inteiramente revelar o mundo da cultura do ensino-aprendizado através da leitura e interpretação de contos literários, que venham influenciar, não somente na capacidade de interpretar, mas também de auxiliar no desenvolvimento desses para com a sociedade, que visa inteiramente na transição constante de informações, que são trabalhadas em tempo recorde, visando a informatividade, compartilhamento de ideias, evolução cognitiva, inovação de saberes, ou conteúdos que venham estabelecer uma conversação produtiva, em resultado a leituras feitas concomitantemente.

Essas leituras (jornais, revistas, gibis, livros literários, etc) serão expostas a partir dos estímulos lançados pelos Pibidianos através de Contos, em específico, Contos Maravilhosos e Literatura de Cordel, o que propiciará uma vasta aglomeração na modalidade de leitura.

Essas duas fontes de leituras foram pensadas para intentar os alunos de 7º (sétimo) e 8º (oitavo) ano do segundo ciclo da Educação Base do Colégio Comunidade Reunida Linda Vista (Região que faz parte do território do Município de Porangatu-GO), para, da melhor forma, solucionar os problemas nos *defts* de leitura

e interpretação que eles ingressam no 2º (segundo) Grau, ou Ensino Médio, facilitando sua compreensão para com o mundo exterior em detrimento aos estímulos psíquicos.

Esses conteúdos foram selecionados a partir da grade curricular que o professor regente apresentou, no que condiria com sua próxima tarefa bimestral, e como o PIBID infere e não interfere, todo o trabalho e pesquisa pautados com esse estilo literário, foi construindo seguindo esse cronograma, que funcionou como um Norte para o processo de internalização da leitura.

Para que tal projeto pudesse ir adiante, foram necessários estudos evolutivos dentro da área para que se obtivessem ideias e pensamentos a respeito da Literatura Infantil enquanto teoria, as quais foram fomentadas por Regina Zilberman (2003); Marisa Lajolo (2010), (e ambas as autoras em 1988); Nelly Novaes Coelho (2009); Maria Antonieta Cunha (2006); e para suportes teóricos acerca da didática do professor, Otaviano Pereira (1982); Maurice Tardiff (2013).

A EVOLUÇÃO DA LITERATURA INFATIL PARA A EDUCAÇÃO

Quando se refere ao ato de contar histórias e sua capacidade de transmitir conhecimentos ao passar das eras, pensa-se, automaticamente, nos primórdios da existência humana, quando os homens das cavernas, possivelmente, reuniam-se em volta de uma fogueira para contar suas aventuras de caças e sobrevivência, em que passaria para o próximo sucessor da família todos os conhecimentos necessários para continuar seu legado. Afim de que essas histórias perpetuassem para que outros não sabidos esquecessem ou preservassem seu estilo de vida, desenvolveram as primeiras escritas na modalidade desenho, que remontava seu dia-a-dia ou um ensinamento importante para guardar.

O desenvolvimento das histórias remarca pontos importantes no património cultural linguístico, em que os valores de uma sociedade ou uma tradição familiar é passada adiante, evoluindo todo o conhecimento empírico, e entonando todos os princípios básicos no trabalho da formação do indivíduo.

Essa evolução nas histórias separando-as de contos adultos e contos infantis deu-se na Europa, segundo Regina Zilberman (2003), ocorreu à preocupação com as distinções das faixas etárias, tratando das especificidades divergentes de informações que eram necessárias para a formação do indivíduo. Tais mudanças

foram necessárias pelo surgimento de um novo modelo de família tradicional, tendo sua atenção voltada para o núcleo familiar, e não mais um modelo social, tendo em mente a privacidade e preservação dos valores hereditários com intuito de fortalecer os laços entre eles, construindo assim, um novo modelo de família burguesa.

Essa nova formação familiar, constituía-se na vontade de inibir o desenvolvimento intelectual da criança manipulando suas emoções, tendo assim, uma reformulação na educação escolar naquela época, e juntamente com essa, uma revisão no universo da literatura infantil, que exerceria um papel fundamental nos valores deles.

Tal revolução foi pensada justamente na maneira que as crianças eram vistas, sendo elas mini adultos, que partia desde as vestimentas, até a maneira de se portar em qualquer ambiente. Desse modo, os primeiros textos da literatura infantil, foi uma adaptação para essa nova geração, tirando toda a informatividade erótica ou erudita que algumas obras traziam, como os textos de Giambattista Basile, Charles Perrault (1628 -1703); Os irmãos Grimm, Jacob (1785 - 1863) e Wilhelm (1786 - 1859); e Hans Christian Andersen (1805 - 1875). Assim, todos foram colocados de forma aventurosas, com novos personagens encaixados, mas com os mesmos teores das histórias originais para que não perdessem o ensinamento original.

Com o passar dos tempos, a vinda desses textos infantis – e também toda a tradição europeia, por causa da colonização – os textos chegaram ao Brasil nas últimas décadas do século XIX, momento este em que livros infantis ainda não eram bem vistos para a educação brasileira. Para Marisa Lajolo (1988) esses contos eram adaptados de forma a ter como referencia os modelos dos pioneiros nacionais brasileiros como as de Carlos Jansen (“Contos seletos das Mil e uma noites”, “As aventuras do celebérrimo Barão de Münchhausen”, “Robson Crusué”), insurgindo contra todas as provações estabelecidas pelos canais televisivos e a tentativa da educação infantil com modelos portugueses que ainda predominavam no Brasil.

Mudanças feitas causadas justamente pelas revoluções que aqui aconteciam, segundo Lajolo e Zilberman (1988), coincidindo com abolição escravista e o advento da República. Nesse sentido, vendo que o Brasil e um país de terceiro mundo, tentavam elevar a imagem da pátria como país em progresso em decorrência ao processo de modernização, com o crescimento e uma diversidade urbana, a chegada de imigrantes as cidades e a extinção do trabalho escravo.

Já no Brasil, a literatura infantil nacional teve seu inicio por Monteiro Lobato e sua obra “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, ou “As aventuras de Narizinho: a menina com o nariz arrebitado”. Neste o autor faz uma montagem de personagens adultos, infantis e imaginários que remontariam um pedaço de paraíso que uma garota pensaria que fosse. Para Olivia da Silva Pires (2011), o autor faz uma série de questionamentos entrelaçados no enredo sobre o desenvolvimento intelectual da garota, preocupações com costumes nacionais e grandes problemas com outros países, tudo isso pode ser denotado pela exploração do folclore brasileiro, em que cada personagem possui suas próprias histórias descritas detalhadamente e possuem seus atos individuais.

Em uma relação atual da escola e literatura nota-se um senso comum que preza a leitura infantil de modelo didático, e não como um dos patamares de artes, induzindo a crianças ao não cultivo da literatura e seus aspectos prazerosos. Como qualquer outro método escolar, esta cai no desinteresse do aluno, titulando-a de chata, o que traz um distanciamento entre o ensino e aprimoramento da leitura e interpretação que a Língua Portuguesa exige.

A literatura infantil revela características de possibilidades para ser dinamizada, no entanto, esta sendo utilizada de maneira inadequada dentro de um regimento escolar, tendo suas funções limitadas com intuito de obrigar e controlar crianças, não ensina-las. Não e aconselhável manusear o campo da literatura assim, pois toda arte necessita de ser estimulada e abrangente, a qual virá, mesmo que lenta, modificar todos os contextos psíquicos e linguísticos da criança ou adolescente.

O professor, como mediador do conhecimento, e total responsável por insurgir ou implantar esse prazer mútuo entre ler e interpretar nos alunos, tendo consciência que a literatura infantil é responsabilidade do professor na Educação Infantil, incentivando-o e lhe encaminhando a novas oportunidades de torná-lo um leitor assíduo.

OS CONTOS MARAVILHOSOS E A LITERATURA DE CORDEL

Transpassar um conhecimento de uma pessoa a outra, requer que ambos estejam em total sintonia de pensamento, e que haja uma linguagem onde ambos

tenham uma compreensão total de tudo o que está sendo exposto naquele momento.

Os Contos Maravilhosos são tradições orais que recriam ou remontam um cenário ou fatos baseados na realidade que induzem aqueles que participam da história a serem protagonista/antagonistas em algum determinado momento do enredo. Porem há uma diferenciação desse modelo de conto para os demais. Os Contos de Fadas são semelhantes aos Contos Maravilhosos, pois ambos retrataram, de forma aventurosa, mágica, metafórica ou ilusória, um mundo em que a criança possa se sentir confortável, e é claro, que a informação desejada seja transmitida com total certeza de absorção. O que os diferem é que, os Contos de Fadas remontam um romance ou aventura completamente recheada de magias e riquezas, onde a princesa sempre possui um final feliz (Rapunzel, A bela adormecida, A bela e a fera), ao passo que, os Contos Maravilhosos possuem uma representatividade de uma vida mais árdua, cheia de dificuldades do dia-a-dia em que a criança possa se identificar com maior facilidade (O Gato de Botas, Simbad, O marujo, Os músicos de Bremem). Isso ocorre, segundo Coelho (2009) em proporções que, os Contos Maravilhosos possuem um desenvolvimento ou surgimento no Oriente, em eu seu enredo geralmente, relaciona-se a uma realidade socioeconômica do protagonista, difundida pelos árabes no filme mais conhecido “As mil e uma noites”, enquanto os Contos de Fadas possuem a influência Celta, o que relacionam com satisfações interiores humanas após derrotar o inimigo como um “feliz para sempre”.

Já a Literatura de Cordel, vem com sua escrita fundamentando o que os Contos Maravilhosos remontam em conversações. Provida de uma liberdade na linguagem escrita, em que irá remontar o pensamento do autor em forma de poesias, dando uma forma concreta ao abstrato, sendo que esse estilo literário tem o teor voltado para o regionalismo como se pode observar nas literaturas de cordéis nordestinas.

Essa forma de escrita preservada tanto em poema quanto em prosa remete, com frequência, a utilização das redondilhas maiores, isto é, cada verso possui sete sílabas poéticas, compostas por seis versos (sextilha), trabalhando constantemente o esquema da escanção ABCBDB.

Característica marcante da Literatura de cordel são as formas que o autor monta sua história. Muitas vezes, é uma opinião acerca de uma denúncia social, em

que se encontra sua terra ou lugar onde vive o que reflete muito as regras da literatura de cordel, já que não são impessoais ou imparciais, são completamente transformações de opiniões expressadas por quem cria, contanto que siga a regra da escansão necessária para dar forma poética ou prosa.

APLICABILIDADE NA LEITURA E NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ambos as modalidades de trabalhar leituras distintas, foram seletas justamente pela capacidade que uma tem de completar a outra, o que remete a didática em sala de aula: debater, conhecer, escrever e praticar. Essa forma de aplicabilidade, em que consistiu em todos os alunos das séries destacadas, reproduziu na leitura múltipla de contos e literaturas de cordel, o que foi novidade, pois apresentavam uma linguagem distinta do que estavam habituados – já que foram necessários exposição (xilogravuras, livros, contos) para mostrar a proposta de trabalho – o que exigiu que todos trabalhassem em equipe com auxílio dos acadêmicos-bolsistas para difundir as palavras necessárias, e todo o enredo para a interpretação teatral, a qual se deu logo em seguida.

O ensino de Língua Portuguesa propiciou-se nesse exato momento, na exposição de palavras, em que consistia no auxílio de dicionários e no conhecimento acumulado que os alunos já possuíam, revelando que cada estrutura morfológica possui um sentido distinto conforme a formação das sentenças (polissemias); nas traduções dos significados em que as palavras tinham (homônimos perfeitos); na distinção sonora, mas na mudança morfológica que as palavras possuíam (linguística); na modalidade de escrita (estilística); na seleta do eixo paradigmático em junção ao eixo sintagmático na seleta dessas palavras (sujeito, verbo, substantivo, adjetivo); na escrita dessas palavras (dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, hiatos, ditongos); no encaixe dessas sentenças que causasse um efeito claro (conjunções); na estruturação do texto de forma objetiva com sentidos em plena harmonia (coesão e coerência).

Todos esses conceitos da Gramática da Língua Portuguesa serviram para praticar a escrita, enquanto a oralidade teve seu marco nas apresentações que foram desenvolvidas por dois grupos: com a literatura de cordel com a canção da música “Asa Branca” de Luís Gonzaga, e pelos contos maravilhosos, que foram

interpretados por falas e senas criados pelos próprios alunos, remontando “Chapeuzinho Vermelho”.

Todos os resultados, que se mostraram significativos, tanto na aplicabilidade do conteúdo, quando no ensino de Língua Portuguesa, e na desenvoltura dicotômica no âmbito da leitura por parte dos alunos, tiveram solavancos imagéticos nos acadêmicos bolsistas, pois, após esse estudo de uma parte dos Gêneros Literários, houve uma confraternização onde foram debatidas experiências e ideais acerca das vantagens e divergentes métodos de abordagens de conteúdos com diferentes formas – Já que o curso de Letras presa o ensino de Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Literatura e afins –, o que em sala de aula, como acadêmicos, e nos estágios (como remonta os trabalhos anteriores desenvolvidos pelos acadêmicos), causou um impacto positivo em todo o processo de formação da identidade profissional, e a certeza do segmento na carreira de educador.

REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria – análise – didática*. São Paulo: Moderna, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes*. Literatura Infantil: Teoria e Prática.* São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos.* São Paulo: Global, 1988.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 2010.

PEREIRA, Otaviano. *O que é teoria.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

PIRES, Olivia da Silva*. Contribuições do ato de contar histórias na educação infantil para a formação do futuro leitor.* Maringá: 2011. Disponível em (http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia_Pires.pdf). Acesso em 18/0/2016

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional.* – 15. Ed – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.